

SUGESTÕES PARA UMA METODOLOGIA DIRIGIDA A DISSERTAÇÃO ESCOLAR

José Fernando de Louzada Miranda

1 — O ENSINO DA LÍNGUA MATERNA

Em última análise, o ensino da língua materna, em qualquer grau, deveria centrar-se em "ouvir/falar/ler/escrever."

Entretanto, quase toda energia da escola dirige-se para o "escrever". Apesar disto, nenhum professor desconhece as reações de protestos dos alunos no momento das redações. Ela, quase sempre, suscita a maior antipatia no educando e desencantos no próprio mestre.

Há uma série de causas dessas situações:

- a) Ausência de objetivos definidos
- b) Falta de um método.

Os planos dos cursos, em geral carecem de objetivos precisos no que se refere ao ensino da redação.

Por outro lado, salvo raras exceções, não encontramos um sistema de comportamentos que seja eficaz orientador do mestre e por decorrência, do aluno.

Com raríssimas freqüências temos pesquisas dirigidas para o ensino da redação, e a maioria dos livros que tratam do assunto repetem velhas soluções alicerçadas nas piores tradições literárias. Os volumes didáticos não oferecem um método eficaz que responda às necessidades do aluno.

É preciso lembrar que existem três tipos de ensino de língua. (Halliday et alli — 1974, p. 260) examinam os tipos de ensino desta ordem:

prescritivo, descritivo e produtivo. Eles não se excluem na tarefa de classe, mas equilibram-se, desde que o professor compreenda com precisão seus propósitos distintos.

O **ensino prescritivo** visa ensinar ao aluno mudanças em seus padrões lingüísticos — isto é, abolição dos inaceitáveis e aquisição de aceitáveis. As prescrições abrangem a fala e a escrita e mais especificamente, à fala e a escrita.

O **ensino descritivo** mostra como funciona o sistema da língua através da exposição, ordenação e acréscimos relativos ao uso da língua.

O terceiro — **ensino produtivo** — interessa-se pelos desempenhos mais eficientes dos padrões já adquiridos. Visa ao aumento de recursos que o aluno já possui. Procura ampliar as potencialidades da língua nas várias situações em que o educando tem necessidade delas.

Redigir (Genouvrier, Peytard-1974, p. 381) é fazer no sentido amplo, literatura.

Mais do que isto, redigir é também ensino produtivo.

2 — REDIGIR

As **aulas de redação** não podem ter os ingênuos propósitos dos tradicionais volumes de "arte de bem escrever".

Seus objetivos, em evolução crescente, devem pretender que o aluno seja capaz de:

- escrever com desinibições os trabalhos escolares;
- adquirir fluência e flexibilidade na expressão escrita;
- diferenciar os níveis de linguagem e as oportunidades para o emprego delas;
- escrever as composições com segurança e adequação;
- identificar as estruturas mais simples da expressão escrita;
- resolver com propriedade o planejamento da redação;
- comparar os vários tipos de composição escrita;
- justificar as suas opiniões de expressão;
- criticar o trabalho próprio e alheio, com avaliação justa, refletida, consciente;
- através da própria composição, descobrir a si próprio e o mundo.

3 — REDAÇÃO E CRIATIVIDADE

Salienta Kneller (1968 p. 9) que "é preciso educar com profundidade, com o objetivo de formar pessoas que atendam às solicitações de um mundo em acelerado ritmo de mudança como o nosso".

Será esta a razão maior para o aumento de interesse no campo da capacidade criadora.

Wiedemann (1976 p. 11) demonstra em recente trabalho, argutamente, não ser a ciência "a única a se preocupar com a construção de métodos e técnicas que incrementam a criatividade".

Além de cientistas, psicólogos, engenheiros, fisiólogos, pedagogos, administradores de empresas unem-se neste estudo, porque, conforme Taylor (1971 p. 23) a sobrevivência de um país na competição internacional depende, fundamentalmente, do incentivo ao desenvolvimento de personalidade criativas, que são a base do progresso em qualquer campo.

Tem o professor o instrumento básico: o ensino da redação.

Será necessário, entretanto, uma escolha metodológica eficiente. (Martos, 1971, 1972) discute com propriedade algumas técnicas para redação escolar, enfatizando objetivos e métodos que podem e, devem ser usados desde a escola primária, hoje, cognominada de "primeiro grau".

Miranda (1971) exercitava os primeiros passos para uma metodologia da redação através do "Processo de Comunicação" dirigida ao aluno do "curso médio", trabalhando, "a priori" o estudo dos códigos, sugerindo uma série de atividades que visavam às sensações e percepções do educando.

Ampliando seus objetivos, como trabalho preambular, Miranda (1975, 1976) orienta dois trabalhos para o ensino de 1.º grau, objetivando exercícios para criatividade verbal e organização de estruturas elementares da redação escolar.

4 — LINGUAGEM E PENSAMENTO

Schaff (1974 p. 147) discute a relação do pensamento e da linguagem, concluindo que "a função da linguagem implica pensamento porque implica a compreensão das significações associadas aos seus suportes materiais, numa língua dada".

Assim, ninguém pensa a não ser numa língua e o domínio desta amplia as possibilidades intelectivas do indivíduo. A unidade do pensamento e da linguagem é que decidirá a especificidade do pensamento humano.

Todavia, uma série de teóricos, como o matemático B. L. van der Waerden (Schaff 1974 p. 192) afirma o ponto de vista ser possível o pensamento sem o uso da linguagem.

Aparentemente o homem pode pensar sem palavras; mas na verdade nunca pensamos averbalmente, mas no transcórrer das operações mentais poderemos perder de vista os sinais verbais com que na realidade operamos.

Bárthes (1964 p. 12) afirma que "qualquer sistema semiológico repassa-se de linguagem. A substância visual, por exemplo, confirma suas significações ao fazer-se repetir por uma mensagem lingüística..."

Sabemos que a linguagem cria a nossa imagem do mundo e reorganiza o caos.

Na dicotomia de Saussure (1970 p. 22) a linguagem é **língua e fala**.

Ora, a ampliação do sistema abstrato (língua) através do uso individual (fala) faz com que a integração do homem/universo realize-se com plenitude, pois o ser humano é corpo e linguagem; linguagem é pensamento e conhecimento.

A compreensão destes aspectos, precariamente aludidos nestas linhas, remete-nos à capital importância do ensino produtivo, no que se refere à fala/escrita.

Estimular a redação escolar não é apenas transpor o código verbal para o código escrito, mas sobretudo, é estimular criativamente uma organização mental que oferecerá ao aluno a sua própria visão do mundo.

4 — PENSAMENTO CONVERGENTE/DIVERGENTE

Guilford in (Wiedemann-1976 p. 17) Novaes (1972 p. 54) Kneller 1968 p. 53) criou a **análise fatorial** para medir a criatividade — e há um certo consenso de que esta análise ainda é o melhor ponto de partida para o alcance deste objetivo.

Ao analisar a mente, Guilford a separa em vários fatores que a compõem.

Agrupam-se na memória (capacidade menor) e no pensamento (capacidade maior).

A do pensamento contém três categorias de capacidades:

- **cognitivas** (referentes ao conhecimento)
- **produtivas** (uso de informações percebidas, produção de novas informações)
- **avaliadoras** (referentes ao julgamento do que é percebido)

Na segunda destas categorias (produtivas) que se aproximam da criatividade e, por decorrência do ensino produtivo, encontraremos duas subcategorias:

- pensamento convergente;
- pensamento divergente,

O primeiro movimenta-se em busca de um única resposta; o segundo, inconventionalmente dirige-se para várias direções.

O pensamento divergente abrange uma série de fatores: fluência verbal, fluência ideativa, flexibilidade semântica espontânea, flexibilidade simbólica adaptativa, originalidade.

É óbvio que as habilidades criativas ocorrem na categoria do pensamento divergente.

Não será lícito supor que para um efetivo ensino produtivo, na área da **redação escolar**, deveríamos criar, cada vez mais atividades estimuladoras para o pensamento divergente?

Aplicar conscienciosamente os métodos heurísticos? O trabalho da redação exige uma série de trabalhos preambulares à leitura, à organização e à execução das redações propriamente ditas?

5 — PRÉ-REQUISITOS PARA A DISSERTAÇÃO

Os pré-requisitos para **Dissertação** são evidentes: uma larga experiência técnica nas manipulações da **Narração e Descrição**.

Sabemos que o educando só poderá alcançar o nível da Dissertação quando sua evolução bio-psicológica chegar ao pensamento conceptual. Confirma Charles (1975 p. 21) interpretando o pensamento de Jean Piaget que tal evento acontece entre 11/14 anos de idade.

A observação nos leva a crer que a média brasileira, nas grandes cidades, gira ao redor de 13/14 anos o que corresponderá à sétima e oitava séries do ensino de primeiro grau. Por estas razões, as propostas que se seguem dirigem-se ao trabalho com alunos das referidas séries do ensino.

6 — DUAS OPÇÕES

A medida em que o professor busca uma metodologia para redação dissertativa deverá escolher:

- trabalho livre;
- trabalho conduzido.

Ainda, se a tarefa será originária de uma leitura ou sugerida por um título.

Escolhemos, para este diálogo com os colegas, uma orientação de tarefa especificamente oriunda de um título.

7 — ROTEIRO DO TRABALHO

a) Identificação da população — alvo

- série — 8.ª série do ensino do 1.º grau
- idade: média da turma: 14 anos
- turma: mista
- número de alunos: 35 (20m., 15f.)
- características psicológicas: grupo de pré-adolescentes que não apresentam problemas maiores; tendências a inquietação e egoísmo.
- aspectos sócio-econômicos: predominância da classe média

b) Registro do tempo e do espaço

Tempo:

- Horas semanais: 3
- Programação bimestral: 24 horas
- Dias de aula: 3.ª feira (2 períodos) 5.ª feira (1 período)

Espaço:

- sala de aula: 18 horas
- biblioteca: 6 horas

c) Planejamento dos conteúdos a ser desenvolvidos

- Conceituação de Dissertação; Leitura significativa; Busca de uma estrutura dissertativa; Elaboração de perguntas; Coerência e flexibilidade, etc.
- **Definição dos pré-requisitos de população-alvo**
- **Área cognitiva:**
Morfologia-Sintaxe-Fonética-Ortografia
Que o aluno seja capaz de:
 - usar, com a necessária correção, as convenções empregados no código escrito
 - empregar, adequadamente, as normas mínimas da **Gramática Básica da Língua Padrão**
- **Leitura — Composição**
 - Ler e interpretar um texto, respondendo às perguntas formuladas pelo professor, com um mínimo de 75% de acertos.
 - Esquematizar as estruturas fundamentais da narração e dissertação.

Área das atitudes

Que o aluno seja capaz de:

- Ser receptivo, ter interesse e compustura;
- Oferecer-se para os trabalhos, contribuindo efetivamente para as tarefas sugeridas;
- Participar, integrar-se nos trabalhos de grupo;
- Organizar os trabalhos de classe, sobretudo nas redações.

Área das habilidades

Que o aluno seja capaz de:

- Ouvir com atenção
- Falar com clareza e propriedade

- Responder com precisão
- Relatar experiências
- Interpretar pequenos textos resumindo as idéias básicas e identificando a estrutura
- Captar e explicar o sentido das palavras no contexto
- Escrever legivelmente os trabalhos de classe, obedecendo às normas quanto ao uso de: margem, parágrafo, títulos, maiúsculas, abreviaturas, pontuação
- Elaborar planejamento para Narração e Descrição.

8 — DESENVOLVIMENTO

a) Conceito de Dissertação:

A dissertação é a forma mais profunda da criação literária, mais presa à vida reflexiva do menino e do adolescente, mais atuante na existência do adulto, mais experimentada na memória do ancião.

Todos nós refletimos e temos algo a dizer, a avaliar, a concluir.

Para nosso trabalho, esquematizamos a dissertação desta maneira:

DEFINIÇÃO — Encadeamento de idéias, raciocínio de causa e efeito.

IDÉIAS — (originais ou comentários de alheias) conteúdo básico.

REFLEXÃO — qualidade necessária de quem disserta.

PERÍODO COMPOSTO POR SUBORDINAÇÃO — predomínio na frase. A dissertação pode ser um conjunto de reflexões originais ou plasmadas no pensamento de outrem.

b) Exemplo de Dissertação

— Conceito de erro — Conceito de Gramática

(Gladstone Chaves de Melo)

O "certo" e o "errado" em Linguagem

O conceito de "certo" e de "errado" em linguagem, longe de ser algo arbitrário e pessoal, é qualquer coisa de sólido, definido e definível.

Erro é o que destoa da tradição, dos hábitos lingüísticos de uma comunidade; **acerto** é o que afina com tais hábitos, o que se liga com uma tradição e a continua. A norma, pois, em linguagem, é consuetudinária e nunca decorre de lei positiva, partida deste ou daquele legislador, ou de suposta lei ideal, formulada pelo raciocínio de tal ou tal gramático. É fato bastante recente, para que todos dele se lembrem, a proibição que baixou Mussolini, na Itália fas-

cista, do uso de **Lei** como pronome de tratamento. Acabou o fascismo na Itália e morreu Mussolini, enquanto o **Lei** continuou vivo na linguagem coloquial.

Diversidade dos Usos Lingüísticos

Para o correto estabelecimento da norma lingüística e para o exato conceito de erro, é mister que o lingüista, o filólogo, o gramático, tenham bem presente ao espírito a discriminação dos usos lingüísticos. Dentro da ampla unidade da língua cabem vários aspectos, várias modalidades, com características próprias, determinadas pelo fim da linguagem usada e pela situação psicológica dos interlocutores. Assim, há um uso coloquial culto, um uso familiar, um uso popular regional, um uso estético. Em cada um desses setores estabelece-se uma tradição, um costume lingüístico que solidariza os interlocutores. A norma lingüística de cada uso se induz e nunca se deduz. O processo há de ser a observação, as conclusões não de ser a sistematização dos fatos observados.

Verdadeiro Conceito de Gramática

Tal sistematização é que constitui a Gramática.

Ora, geralmente só se organiza a gramática do uso literário, do uso coloquial culto, do uso estético, porque a linguagem nesse campo é **adquirida** e não **transmitida** como é nos outros. Quem nasceu e viveu no sertão de Pernambuco emprega espontaneamente e com toda a segurança a linguagem popular dessa região. Aprendeu os modismos sem o sentir, domina-os, porque eles são seus também. Agora, se tal indivíduo quer utilizar-se da língua literária, forçoso lhe será **adquiri-la**, aprendê-la, operação tanto mais difícil quanto mais integrado estiver ele no seu ambiente lingüístico regional. Ora, a língua literária é o ponto de referência, o ponto de encontro das variantes regionais, sociais e grupais, qualquer coisa como a quintessência de tais particularizações, ou melhor, sua depuração e **estilização**. Daí vem que há utilidade e até necessidade de que todos os membros de uma comunidade lingüística conheçam e dominem os hábitos da língua-padrão: donde as gramáticas desta linguagem, donde o ensino gramatical. (...)

(Iniciação à filologia portuguesa. Rio de Janeiro.

Acadêmica 1957, p. 48)

c) Novo conceito para Dissertação

Poderíamos dizer que Dissertação "é avaliar ou discutir um problema". Alguns autores como Garcia (1967 p. 370) distinguem, e com razão, as sutis diferenças entre os textos **dissertativos** e os que **argumentam** a respeito de algo.

Todavia, não examinaremos este problema agora, e sugerimos a leitura do autor citado.

Por isso, fixaremos: A Dissertação:

- deve ter somente o necessário para introduzir, avaliar, por em discussão ou solucionar um problema;
- comporta não só uma exposição dos resultados e opiniões, mas o desenvolver da argumentação;
- se o tema exigir, a dissertação permite o exame crítico de várias soluções possíveis;
- ela não é realizada por múltiplos desenvolvimentos justapostos, mas sim pelo crescimento de uma unidade;
- na dissertação, devemos colocar o **problema**, **discuti-lo**, **resolvê-lo** — logo, ela se desenrola através de uma **introdução**, uma **análise** (discussão), e de uma **conclusão**;
- a dissertação deve ser longa o suficiente para que apareçam os pontos de vista diferentes e o desenvolver da argumentação.

Introdução

- propor o enunciado do problema; desde o preâmbulo, devemos compreender o **tema** da dissertação;
- sugerir o plano de desenvolvimento;
- a **introdução** deve ser: clara, precisa, breve, preparatória.

Desenvolvimento

- ordenado**: cada uma das opiniões deve ser sucessivamente avaliada;
- progressivo**: partir do mais simples, do mais conhecido, para o mais complexo, mais desconhecido, mais profundo;
- equilibrado**: não só na proporção, pois deve ser relativa à sua importância dentro do todo, mas também como atitude de quem discute.

Conclusão

- é a parte mais difícil do trabalho;
- nela aparecerá a frase que define de forma exata, concisa e clara a posição adotada;
- deve terminar pela resposta precisa, positiva ou negativa à pergunta colocada na introdução ou no título.
- Após a leitura do texto:
 - Avaliar os problemas analisados no texto de Gladstone Chaves de Melo.
 - Trabalho de grupo — discussão dos níveis de linguagem, de modo especial, com o auxílio do professor: **língua padrão**, **linguagem técnica**.
 - Discutir, em grupo, os conceitos de:
Certo — errado em linguagem; gramática.

d) Trabalho em grupo: conhecidas as características da dissertação e seu desenvolvimento, cada um dos grupos de trabalho deverá:

- 1 — escolher um texto **dissertativo**;
- 2 — assinalar as características próprias da dissertação;
- 3 — delimitar: introdução, desenvolvimento, conclusão.

9 — PLANEJAMENTO DA DISSERTAÇÃO

Após a leitura do texto dissertativo, do mesmo modo que havíamos observado a Narração e a Dissertação, "sentimos" o perfil básico da Dissertação.

Usaremos o mesmo esquema: **Perguntas-Auxiliares, Pré-Planejamento, Desenvolvimento**:

A Perguntas auxiliares	B Pré-planejamento	C Desenvolvimento
Quem, com quem? O quê? Por quê? Para quê? Conseqüência? Circunstâncias? Analogias? Análise? (pró e contra) Síntese? Observação Pessoal? Conclusões?	respostas sucintas	desenvolvimento particular de cada uma das respostas.

Observamos o mesmo tipo de trabalho do esquemas anteriores:

- 1.º Questionário (perguntas auxiliares)
- 2.º Respostas (síntese)
- 3.º Ampliação das respostas (especificamente para cada item)
- 4.º Rascunho
- 5.º Crítica do trabalho, revisão
- 6.º Síntese do item 3 (sumário)
- 7.º Redação final.

A respeito do sumário, lembramos que, de certa maneira, ele é o planejamento do nosso trabalho. Permite que o leitor tenha a base do que vai ser desenvolvido e os professores avaliem a nossa capacidade de fazer uma estrutura e desenvolvê-la.

Exemplo de um sumário:

Introdução ao Estudo de História.

1. História — 2. Antes de Cristo e Era Vulgar — 3. Fontes Históricas — 4. Idades Pré-históricas — 5. Raças humanas — 6. As divisões da História. (1)

A História — A História descreve os principais acontecimentos da vida da humanidade: o que os homens fizeram, de que modo têm vivido, o que inventaram, como criaram as ciências, as artes, as leis, quais foram seus ideais, suas esperanças, seus planos, como se foi desenvolvendo a civilização." (2)

O EGITO

1. A terra e o povo — 2. Os hieróglifos — 3. O antigo Império — 4. O Médio Império — 5. O novo Império — 6. Organização — 7. As letras e as ciências — 8. A arte egípcia.

A terra e o povo — Viviam ainda em cavernas ou em míseras choupanas os habitantes da região onde é hoje a acidentada Europa; a esse tempo... (3)

É claro — assuntos de História, de Filosofia, e muitos outros, se prestam mais para os sumários — porém, qualquer redação bem planejada dá oportunidade à síntese.

Há inúmeros caminhos para a Dissertação: a leitura de uma página, um pensamento, um tema. Usamos, nesta experiência prática, como título um ditado popular:

"Do mau ovo, mau corvo".

A Perguntas-auxiliares	B Pré-planejamento	C Desenvolvimento
Quem (diz)? O quê? Para quê? Por quê? Conseqüências? Circunstâncias?	os homens ditado popular expressar idéias ratificar experiências determinismo	Muitas vezes autêntica o homem e a educação — modificações Semelhança — árvore, maçã
Analogias?		

A Perguntas auxiliares	B Pré-planejamento	C Desenvolvimento
Análise (pró e contra) Síntese	O que diz o ditado O homem não foge ao melo e à ascendência valor da educação	A educação redime o homem.
Observação Pessoal? Conclusão?		

Desenvolvidos os itens da coluna B, teremos o material para o rascunho. Depois dele, a revisão estilística, a autocrítica e chegamos ao término do trabalho.

Observemos que as primeiras perguntas — **quem, o quê** — pertencem à **introdução**; para **quê**, por **quê**, conseqüências, circunstâncias, analogias — participam do **desenvolvimento**; a análise e a síntese, como também a vivência pessoal, preparam, avaliam e vivenciam o problema que é definido na **conclusão**.

Tentando esclarecer melhor o exercício realizado:

Quem vive ou diz o ditado: os homens; o que é a afirmação do título: um adágio (avaliar o valor dele); quais as finalidades e o por quê da existência dos anexins? E a conseqüência deles; em que circunstâncias valem; comparações a respeito deles, o positivo e negativo de um ditado popular. Finalmente, a análise do valor de um dito do povo, o resumo de nossas idéias a respeito deles, nossas vivências e nossas conclusões. Aliás, como em todo planejamento, faz-se necessário saber: usaremos sempre os itens que nos interessam; desenvolveremos cada um deles — e por fim estaremos em condições de realizar uma redação. Um dos problemas que enfrentamos nas dissertações é o das citações. Devem ser curtas, bastante raras, colocadas entre aspas e acompanhadas pela identificação do autor e da obra.

Após a verificação da realidade do esquema básico da Dissertação, iremos aplicá-lo em alguns textos. O objetivo é que o aluno compreenda o "sistema" **dissertativo**, para futuramente ser aplicado em seus trabalhos.

O Trigo caiu no Caminho

(Antonio Vieira)

"... O trigo caiu no caminho, comeram-no as aves. Estas aves, como explicou o mesmo Cristo, são os Demônios que tiram a palavra de Deus dos corações dos homens. Pois, por que não comeu o Diabo o trigo que caiu entre os espinhos? ou o trigo que caiu nas pedras, senão o trigo que caiu no caminho? Porque o trigo que caiu no caminho, pisaram-no os homens, e a doutrina que os homens desprezam, essa é que o Diabo teme (...). E por isso mesmo essa é a que deviam buscar os ouvintes. Mas se eles o fizeram assim, e zombaram de nós, zombemos nós também de suas zombarias, como de seus aplausos." (4)

(Semmões, S. Paulo, Melhoramentos p. 97)

A	B	C
Perguntas-auxiliares	Pré-planejamento	Desenvolvimento
Quem, com quem? O quê? (a respeito de)	Fala o homem O trigo que caiu no caminho comeram-no as aves	
Por quê? Para quê? Conseqüências? Circunstâncias?	Desiriui-los Perdição O trigo nas pedras O trigo nos espinhos O trigo no caminho Aves-demônios	
Analogias? Prós?	O trigo nas pedras sobrevive	
Contras?	O trigo nos caminhos pisaram-no os homens	
Análise?	O desprezo dos homens pela doutrina facilita a ação do mal.	
Síntese?	Os homens desprezam a palavra de Deus.	
Obs. Pessoal?	A vida fácil leva à fraqueza de caráter	
Conclusões?	É necessário que o homem seja autêntico e não valorize a zombaria ou desprezo dos maus.	

Cem Anos São Cem Anos

(Érico Veríssimo)

"Vocês já leram a "Nova Floresta" do Pe. Manuel Bernardes? Há lá uma deliciosa história chamada "Como o tempo passa", onde se encontram estas palavras, tiradas dum salmo: "Mil anos diante de Deus são como o dia de ontem, que passou."

O tempo é mesmo uma coisa muito relativa. Relativa e vaga. Às vezes se confunde com o espaço. Por exemplo: "Que distância há daqui até ali? — perguntamos. Respondem-nos: "Duas horas de trem; uma hora de automóvel." Como se vê, medimos o espaço com o tempo. E vice-versa, pois, referindo-nos a uma palestra que mantemos num trem em movimento podemos dizer: "Nossa conversa durou três quilômetros". Não há minutos que nos parecem uma eternidade? E anos que nos parecem rápidos como um dia?

Cem anos são cem dias na História dum povo.

Que se passou nos dez anos que se seguiram à derrota e destruição dos Palmares? Na minha vida, nada. Foi um período cinquento, vazio de fatos interessantes. Na vida do Brasil tivemos a Guerra dos Emboabas e a Guerra dos Mascates."

(Aventuras de Tibicuera, P. Alegre, Globo 42 p. 93)

A Perguntas-auxiliares	B Pré-desenvolvimento	C Desenvolvimento
Quem? (com quem) O quê? (a respeito de) Por quê? Para quê? Conseqüências? Circunstâncias?	fala o homem o tempo é problema do homem compreender o tempo relatividade do tempo os meios de transporte	
Analogias?	Mil anos à vista de Deus são como o dia de ontem...	
Prós?	A rapidez da vida leva ao progresso	
Contras?	A rapidez leva também à imperfeição	
Análises?	O tempo é relativo, o tempo do homem é breve.	
Síntese?	Na história dos povos e na história de um homem o tempo passa com surpreendente rapidez. Que se passou nos dez anos que se seguiram... Cem anos são cem dias na História de um povo.	
Obs. Pessoal? Conclusão?		

A seguir o professor deverá selecionar uma série de textos dissertativos para que os alunos façam a aplicação do "esquema da dissertação".

É evidente que o nível dos textos estará diretamente relacionado com a maturidade da turma.

Apenas, como sugestão:

Para 7.ª e 8.ª séries:

A História É Uma Maravilha

(Érico Veríssimo)

"Se me pedissem uma definição de História, eu diria: "É a narrativa da aventura do Homem no Mundo." Ou então: "É um romance de aventuras que se passa na Terra e tem como personagem principal a Humanidade."

Tendo vivido tanto, que não sei se estas definições são minhas mesmo ou se eu as ouvi ou li de alguém no decorrer de meus quatrocentos e tantos anos de vida.

Um dia destes, lendo a "Pequena História do Mundo" de meu caro amigo H. G. Wells, famoso escritor inglês, encontrei esta tre-

cho: "A História do nosso mundo é ainda muito imperfeitamente conhecida. Há coisa de um par de séculos os homens só eram senhores da História dos últimos três mil anos. O que havia acontecido antes era objeto de lenda e especulação."

Mas seja como for, a História é uma maravilha.

A gente pára no meio da rua e grita:

— Quem foi que descobriu o Brasil?

O garoto que está vendendo jornais levanta o dedinho e grita:

— Foi "seu" Pedro Álvares Cabral!

No entanto, eu, Tibicuera, guerreiro da taba tupinambá, homem de trinta anos, não saberia responder a essa pergunta no próprio ano 1500.

E o Brasil por assim dizer tinha sido descoberto a poucos palmos do meu nariz...

Vi os portugueses chegarem. Tomaram conta da terra. Plantaram a cruz. Rezaram duas missas. De novo se fizeram ao mar. E não compreendi que se tratava do descobrimento do Brasil!

A vida para mim continuou a ser a mesma de antes. Correrias pela beira do mar. Guerras. Caçadas. Aventuras. Nasciam crianças na taba. Os velhos morriam. Vinham grandes chuvas. Passavam-se luas e sóis. E o tempo seguia na sua marcha misteriosa, como uma grande cobra que vai deslizando, sem mostrar a cabeça nem a ponta do rabo, isto é: um monstro sem princípio nem fim.

No entanto, abro a História do Brasil, e, após vinte minutos de leitura fácil, fico sabendo do que se passou antes do descobrimento e nos cinqüenta anos que se lhe seguiram.

Positivamente: a História é uma maravilha!"

Ingratidão

(Raul de Leoni)

"Nunca mais me esquecil... Eu era criança
E em meu velho quintal, ao sol nascente,
Plantei, com minha mão ingênua e mansa,
Uma linda amendoeira adolescente.

Era a mais rútila e íntima esperança...
Cresceu... cresceu... e, aos poucos, suavemente,
Pendeu os ramos sobre o muro em frente
E foi frutificar na vizinhança...

Daí por diante pela vida inteira
Todas as grandes árvores que em minhas
Terras, num sonho esplêndido semeio,

Como aquela magnífica amendoeira,
E florescem nas chácaras vizinhas
E vão dar frutos no pomar alheio..."

Textos para o segundo grau:

A Tristeza

(Antonio Vieira)

"A enfermidade mais universal que padece neste mundo a fraqueza humana, e não só a mais contrária à saúde do corpo, senão também a mais perigosa para a salvação das almas, qual cuidais que será? É a tristeza.

Primeiramente é enfermidade universal de todos os homens, e universal igualmente de todas as terras; porque nenhuma há tão sadia e de ares tão benignos e puros, que esteja isenta deste contágio, e nenhum homem há tão bem acomplecionado de todos os humores, que quase habitualmente não esteja sujeito aos tristes acidentes da melancolia. O primeiro e infalível prognóstico, e também universal, desta doença, quando ainda não sabemos de articular vozes, é entrarmos neste mundo chorando. Entramos todos chorando, diz Salomão (metendo-se também ele na conta), porque assim confessamos esta miséria natural, e começamos nos primeiros passos da vida a pagar este tributo à tristeza, a que havemos de estar sujeitos em toda ela. A tristeza (se buscarmos a razão deste tributo) não é filha da natureza, senão da culpa. Do primeiro pecado do gênero humano, nasceu um tão negro e feíssimo monstro; e como todos somos filhos de Adão, todos herdamos dele este triste patrimônio. Nenhum filho daquele pai foi tão privilegiado da natureza, nem tão mimoso da fortuna, nem tão lisonjeado da vida, nem tão esquecido da morte, que antes dela não padecesse muitas tristezas que lhe fizessem desagradáveis essas mesmas felicidades. Este mundo em que vivemos, todo é vale de lágrimas, nome com que o batizou David ainda para depois de cristão. Em todo este vale ninguém pode melhorar ou alterar o lugar, ainda que o ponha onde quiser; e ninguém se pode isentar de tristezas, porque todo o mundo é vale, e todo é de lágrimas. Só este vale é vale sem montes: e posto que alguns quiseram levantar montes neste vale, e parece que o conseguiram, todos esses montes, por altos e altíssimos que sejam, não escapam do dilúvio da tristeza. Os reis, os príncipes, os monarcas, os imperadores, os papas, por mais que o seu estado só tenha levantado tanto sobre os outros homens, nem por isso deixam de chegar lá os nublados, e chuva contínuas das tristezas. É verdade que as tristezas dos príncipes andam sobre-doidradas com os resplandores dos cetros e das coroas; mas por isso mesmo são maiores e mais pesadas, porque são mais interiores. As tristezas que correm pelos olhos, não são as mais tristes; as que se afogam no coração, e as que o afogam, essas são as mais sensíveis e penetrantes. Aqueles mesmos resplandores que cá se admiram por fora, são os relâmpagos das grandes tempestades que lá se ocultam e devoram por dentro. Assim que a tristeza é um mal e enfermidade universal, de que ninguém escapa."

O Silêncio

Alceu Amoroso Lima

"(. . .) O silêncio não é a negação da palavra, como a palavra não é tampouco a negação do silêncio. Há silêncios eloqüentes, como palavras vãs. É, precisamente, a continuidade entre um estado e outro que forma a trama completa de nossa vida do espírito. É na riqueza do nosso silêncio interior que se forma a qualidade de nossas manifestações verbais. Como é na riqueza de sua repercussão no silêncio posterior que reside o sentido mais profundo do nosso privilégio verbal. O homem é a única criatura que fala. Mas é também a única que sabe dar ao silêncio o seu sentido profundo. O silêncio dos seres humanos, das pedras, das florestas, dos animais, só tem sentido para nós, seres verbais, que damos um significado positivo, poético, filosófico, religioso e este silêncio das coisas e dos seres infra-humanos. Como o rumor de nossas palavras só tem sentido porque nelas se reflete o mundo infinito que está para lá de sua sonoridade, o mundo dos sentimentos, das idéias e das grandes realidades invisíveis."

(in F. Costa et T. C. Arrais Português através de exercícios, S. Paulo Ática, 1968, p. 81)

Ambiente

(Fernando Pessoa)

"Nenhuma época transmite a outra a sua sensibilidade; transmite-lhe apenas a inteligência que teve essa sensibilidade. Pela emoção somos nós; pela inteligência somos alheios. A inteligência dispersa-nos; por isso é através do que nos dispersa que nós sobrevivemos. Cada época entrega às seguintes apenas aquilo que não foi.

Um deus, no sentido pagão, isto é, verdadeiro, não é mais que a inteligência que um ente tem de si próprio, pois essa inteligência, que tem de si próprio, é a forma impessoal, e por isso ideal, do que é. Formando de nós um conceito intelectual, formamos um deus de nós próprios. Raros, porém, formam de si próprios um conceito intelectual, porque a inteligência é essencialmente objetiva. Mesmo entre os grandes gênios são raros os que existiram para si próprios com plena objetividade.

Viver é pertencer a outrem. Morrer é pertencer a outrem. Viver e morrer são a mesma coisa. Mas viver é pertencer a outrem de fora, e morrer é pertencer a outrem de dentro. As duas coisas assemelham-se, a vida é o lado de fora da morte. Por isso a vida é a vida e a morte é a morte, pois o lado de fora é sempre mais verdadeiro que o lado de dentro, tanto que é o lado de fora que se vê.

Toda a emoção verdadeira é mentira na inteligência, pois não se dá nela. Toda a emoção verdadeira tem portanto uma expressão falsa. Expressar-se é dizer o que se não sente.

Os cavalos da cavalaria é que formam a cavalaria. Sem as montadas, os cavaleiros seriam peões. O lugar é que faz a localidade. Estar é ser.

Fingir é conhecer-se."

Os Ombros Suportam O Mundo

Carlos Drummond de Andrade

"Chega um tempo em que não se diz mais: meu Deus.
Tempo de absoluta depuração.
Tempo em que não se diz mais: meu amor.
Porque o amor resultou inútil.
E os olhos não choram
E as mãos tecem apenas o rude trabalho.
E o coração está seco.

Em vão as mulheres batem à porta, não abrirás
Ficaste sozinho, a luz apagou-se
mas na sombra teus olhos resplandecem enormes.
És todo certeza, já não sabes sofrer
E nada esperas de teus amigos.

Pouco importa venha a velhice, que é velhice?
Teus ombros suportam o mundo
e ele não pesa mais que a mão de uma criança.

As guerras, as fomes, as discussões dentro dos edifícios,
provam apenas que a vida prossegue
e nem todos se libertaram ainda.
Alguns, achando bárbaro o espetáculo
preferiram (os delicados) morrer.
Chegou um tempo em que não adianta morrer.
Chegou um tempo em que a vida é uma ordem.
A vida apenas, sem mistificação".

(Fazendeiro do ar e poesia até agora, Rio de Janeiro, José Olympio, 1955, p. 158)

10 — A DISSERTAÇÃO CRIATIVA

Dominada, através de atividades, a estrutura básica da Dissertação, os alunos irão aplicá-la em composições originárias de um título.

O professor poderá ter dois comportamentos distintos:

a) mera enunciação do título

b) como estímulo, traçar rápidos comentários a respeito do assunto dado. O enriquecimento ao título também poderá ser realizado pelo grupo de trabalho.

Sugestão de atividades

Para as 7.ª e 8.ª séries:

Usando o esquema da Dissertação, desenvolver:

— Homem algum é uma ilha:

"Poderíamos viver sozinhos? Estamos isolados no mundo? A solidão é um bem ou um mal? Como o homem reage à solidão?"

— A Justiça

"A injustiça feita a um é ameaça feita a todos, disse um pensador; justiça na vida cotidiana? nos pequenos gestos? na vida social?"

— Por quê?

"Por que acontecem tantas coisas? Por que o amor, a guerra, a miséria, o sonho? A vida é um perpétuo interrogar? Por quê?"

Para o 2.º Grau:

— A música e eu

"Que importância tem a música em meu viver? Reflexão sobre as relações entre a música e o nosso mundo interior."

— As máquinas governam o mundo

"O homem e a máquina, equação da era moderna! Civilização industrial, eletrônica... Análise do império da máquina... Problemas, soluções, traumas, possibilidades, aspectos sócio-econômicos..."

— A mulher no mundo moderno

"O papel de mulher na evolução histórica da sociedade. Suas responsabilidades, grandezas, angústia, derrotas e vitórias. No momento, a intensa participação na vida cotidiana".

11 — ORIENTAÇÃO PARA A COERÊNCIA

Normalmente, mesmo as dissertações de cunho literário não devem prescindir de alguns conceitos gerais da ciência.

É preciso que o aluno tenha sempre uma atitude científica materializadas em:

- Empirismo
- Determinismo probabilístico
- Manipulação científica
- Parcimônia

São estas, para (Whaley et alli — 1976 p. 18) as atitudes básicas do espírito científico:

Empirismo: necessidade de observar os fenômenos antes de chegar a qualquer conclusão sobre eles.

Determinismo probabilístico: nada acontece sem a influência de certas condições naturais, que juntas são denominadas: "causa científica".

Manipulação científica: ter coerência com a manipulação científica, é não unir duas coisas como causa e efeito apenas por que ocorrem juntas.

Parcimônia: é ser econômico, isto é, não procurar explicações científicas complicadas ou abstratas antes que explicações mais simples tenham sido anuladas experimentalmente.

Sugestão para atividades

O professor deverá escolher textos adequados ao nível dos termos, solicitando aos alunos que marquem as ocorrências de violação a estas atitudes científicas. O objetivo deste tipo de trabalho é treinar o aluno para **coerência** das redações.

TEXTOS

- a) Apontar que atitude é violada.
- b) Indicar porque ocorreu a violação.
- c) Reescrever o texto, eliminando a violação identificada

A

É fato bastante conhecido que a sétima filha de uma família transforma-se em mula sem cabeça.

B

Porto Alegre não tem tigres e é cercada por um rio. Logo, os tigres tem medo do rio, por isso não existem em Porto Alegre.

C

As órbitas dos planetas são realizadas inteiramente ao acaso. Não há qualquer explicação lógica para o seu curso.

D

Ele ficou absolutamente curado, de maneira milagrosa, depois de beber a água miraculosa da fonte X.

E

Eu "sinto" que as plantas crescem mais quando falo carinhosamente com elas.

F

Após desaparecer misteriosamente na rua das Acácias, na manhã de 15 de janeiro, às 10,00 da manhã, surgiu hoje, após sete dias o policial Antonio da Silva. Também não conseguiu explicar a estranha maldição da rua das Acácias.

G

Alguns seres humanos possuem um estranho poder magnético e são capazes de influir sobre objetos materiais. Isto nos leva a crer que este poder é um dom.

A partir de pequenos textos, o professor realizará uma ampliação em processo crescente.

A medida em que o aluno dominar estas atitudes básicas, suas dissertações serão mais coerentes e inegavelmente mais bem realizadas.

12 — CORREÇÃO DOS TRABALHOS

Os critérios da correção estão diretamente relacionados com os objetivos da redação, escolhidos pelo professor. De qualquer maneira ela poderá ser feita pelo professor ou como sugere Meserani (1972 p. 5) uma "correção aberta", "que aceite soluções expressivas, insólitas e originais." É impossível a adoção de uma atitude única. Entendemos que o professor tem por excelência um papel de catalisador.

No ensino produtivo, o desempenho maior deve ser do aluno. Logo, será nele que o mestre centrará todas as atividades de classe.

13 — BIBLIOGRAFIA

- BARTHES, Roland — Éléments de sémiologie, Paris E. de Seuil, 1964
- CHARLES, C. M. — Piaget ao alcance dos professores, Rio de Janeiro, Getúlio Vargas, 1967
- GARCIA, Othon M. — Comunicação em prosa moderna, Rio de Janeiro, Getúlio Vargas, 1967
- GENOUVRIER, Émile, PEYTARD, Jean — Lingüística e o ensino de português, Coimbra, Almedina, 1974
- HALLIDAY, M. A. K. et alii — As ciências lingüísticas e o ensino das línguas, Petrópolis, Vozes, 1974
- KNELLER, George F. — Arte e ciência da criatividade, S. Paulo, Ibrasa, 1968
- MARTOS, Juan E. — La redación en la escuela primaria, Buenos Aires, Huemul, 1971
- El arte de redación, Buenos Aires, Huemul, 1972
- MESERANI, Samir Curl — Redação escolar: criatividade, S. Paulo, Descubra, 1972
- MIRANDA, José Fernando — A redação no curso médio, In Letras de Hoje, março 1971, n.º 6, Porto Alegre, PUC
- Arquitetura da redação, S. Paulo, Descubra, 1973
- Compreender e Expressar, Porto Alegre, Sulina, 1976
- Criatividade e outros bichos, Porto Alegre, Emma, 1976
- Vamos contar histórias? Porto Alegre, Emma, 1976
- NOVAES, Maria Helena — Psicologia da criatividade, Petrópolis, Vozes, 1972
- SAUSSURE, Ferdinand de — Curso de lingüística geral, S. Paulo, Cultrix, 1970
- SCHAFF, Adam — Linguagem e conhecimento, Coimbra, Almedina, 1974
- TAYLOR, Calvin W. — Criatividade: progresso e potencial. S. Paulo, Ibrasa, 1971
- WHALEY, Donald L. et SURRAT, Sharon L. — O espírito científico — S. Paulo, E. P. V., 1976
- WIEDEMANN, Lyrís — Influência de diferentes situações — estímulo na criatividade em redações — dissertação de mestrado — Porto Alegre, UFRGS, 1976

Publicações Recebidas

- Lenguaje y Ciencias Vol. 16 n.º 1
- Depto de Idiomas y Lingüística
- Universidad Nacional de Trujillo — Peru
- Ferraz, L. A. Linguistic Appraisal of Angolar, separata do Vol. II ---
- Junta de Investigações Científicas do Ultramar
- Instituto de Alta Cultura, 1974
- Senna, H. República das Leras —
- Gráfica Olímpica Editora Ltda.
- Rio de Janeiro — 1968
- Edições Marginais 2, Jefferson
- Ribeiro de Andrade —
- Edição de COPIBEL
- Rua S. Paulo, 656 — Belo Horizonte